

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright da edição brasileira © Editora 34, 2004

La peinture © Larousse, 1995

La peinture © Larousse, 2004

*Ouvrage publié avec le concours du Ministère français
chargé de la culture — Centre National du Livre.*

Obra publicada com o apoio do Ministério francês
encarregado da cultura — Centro Nacional do Livro.

A fotocópia de qualquer folha deste livro é ilegal e configura uma
apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Magnólia Costa

Nair Kayo

1ª Edição - 2004

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Lichtenstein, Jacqueline (org.)

L696p A pintura — Vol. 2: A teologia da imagem
e o estatuto da pintura / organização de Jacqueline
Lichtenstein; apresentação de Jean-François Groulier;
coordenação da tradução de Magnólia Costa. —
São Paulo: Ed. 34, 2004.
96 p.

ISBN 85-7326-293-1

I. Artes plásticas - Pintura - Crítica e história.

I. Groulier, Jean-François. II. Costa, Magnólia.

III. Título. IV. Série.

CDD - 750.1

João Damasceno

(c. 650-c. 749)

Discurso apologético contra os que rejeitam as imagens sagradas

(c. 730)

O discurso de João Damasceno sobre as imagens foi antes de mais nada um texto de circunstância. Em 730, o decreto de Leão III proibindo os ícones suscitou novas reflexões sobre a função da imagem. O imperador bizantino tomara essa decisão para impedir os movimentos de idolatria que cresciam devido ao culto das imagens. Vivendo em território muçulmano, em Jerusalém, e pertencendo à comunidade cristã, João Damasceno foi funcionário do setor de impostos na administração dos califas; mais tarde tornou-se monge. Compôs o *Discurso apologético* contra o movimento iconoclasta, para se opor à decisão do imperador.

Sabe-se que a reflexão metafísica e teológica sobre as imagens tomou corpo na Igreja do Oriente. A argumentação de João Damasceno consiste em mostrar que a imagem de Cristo, longe de ser uma mera representação pintada, participa intimamente da encarnação. Isso significa que, de certa maneira, a imagem na sua materialidade não é fundamentalmente diferente da imagem tal como esta existe em Deus como protótipo. Somente a natureza divina, segundo João Damasceno, é irreduzível a toda figuração, "incircunscritível", porque Deus é incorpóreo.

A argumentação que Damasceno desenvolve é um dos pontos altos da especulação oriental sobre a imagem. Ela será retomada com frequência e minuciosamente analisada, em particular por São Tomás de Aquino na *Suma teológica*. Os teólogos da Igreja

do Oriente haviam elaborado outras metafísicas da imagem, quase sempre de grande riqueza. Mas foi este texto que reteve a atenção dos teóricos do cristianismo ocidental, tendo sido objeto de glosas até o século XVI.

Bibliografia: Christoph Schönborn, *L'icône du Christ*, Paris, Éditions du Cerf, 1987; F. Boespflug e N. Lossky, *Nicée II, douze siècles d'histoire religieuse*, Paris, Éditions du Cerf, 1987.

Profissão de fé de João Damasceno

Pois de fato conheço a voz que, repleta de verdade, diz: "o Senhor teu Deus, o Senhor é um" (Dt 6, 4) e "ao Senhor teu Deus adorarás e somente a ele prestarás serviço sagrado" (Dt 6, 13; Mt 4, 10) e "não existirão para ti outros deuses" (Dt 5, 7) e ainda "não debes fabricar imagens esculpidas de qualquer coisa semelhante àquelas que estão no céu, acima, ou na terra, abaixo" (Dt 5, 8). "Anátema sobre todos aqueles que se prosternam frente a imagens" (Ps 96, 7) e "os deuses, esses que ao céu e a terra não construíram, que pereçam" (Jr 10, 11) e tantas outras coisas similares que, no tempo antigo, Deus falou aos patriarcas através dos Profetas e, nesses últimos dias, comunicou-nos através de seu filho unigênito, para quem criou todo o ciclo das eras. Eu a conheço quando ela diz: "esta é vida eterna: que conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, teu enviado" (Jo 17, 3). Dou testemunho de um Deus uno, única fonte donde nascem todas as coisas, sem princípio, incriado, imperecível, imortal, perpétuo e eterno; não passível de definição, incorpóreo, invisível, incircunscrito, me-

tamorfo. Única essência transcendente, divindade que ao próprio divino ultrapassa, cuja natureza tríplice¹ torna-se perfeita no Pai, no Filho e no Espírito Santo, a quem em unidade sirvo e à qual, enquanto manifestação do Deus uno, celebro e presto culto sagrado. Ao Deus uno adoro, deidade monádica, mas à trindade sirvo, posto que manifesta em si mesma o Deus Pai, o Deus Filho encarnado entre os homens e o Deus que é Espírito Santo, todos em Um reunidos. Igualmente não me prostro frente a coisas criadas, assim privando ao Criador o culto que lhe é próprio.

Não, somente ao Criador louvo, àquele que me fez segundo minha própria essência e que reside em suas criaturas sem com isso macular-se ou degradar-se, a fim de glorificar-me em minha natureza e fazer-me perfeito em comunhão com a essência divina. Sirvo conjuntamente ao Rei e a Deus e ao seu manto de púrpura tingido, não como um simples manto feito pela mão humana, nem como uma quarta divindade, mas como expressão de reconhecimento e de identidade para com Deus, por meio do qual foi feito imutável através da unção.² Certamente a natureza carnal não pode ser divinizada, pois uma vez que o Verbo, feito carne, permaneceu imutável em si mesmo, assim a carne transforma-se no Verbo sem que suas qualidades sejam aniquiladas, mas em tudo se identificando com o Verbo por virtude da hipóstase.

Essa é a razão pela qual ousou representar o Deus invisível e o faço não com relação a sua essência imponderável, mas com respeito a sua manifestação visível tornada apreen-

¹ Ou seja, em três pessoas.

² Ou seja, pela unção do Espírito Santo, que o “crismou”, tornou-o Cristo, Messias.

sível por meio de sua participação na carne e no sangue. Não represento a Deus em sua essência invisível, mas a Ele represento por meio de sua carne visível. Pois se é impossível representar a alma, quanto mais não será a Deus, doador de sua imaterialidade!

Mas, dizem, Deus falou a Moisés, o Legislador: “ao Senhor teu Deus somente adorarás e a ele unicamente prestarás serviço sagrado” (Dt 6, 13) e “não debes fazer imagens semelhantes a qualquer coisa que esteja no céu, acima, ou na terra, abaixo” (Dt 5, 8).

Discernir o espírito das Escrituras

Irmãos, eles estão perdidos, esses que não conhecem as Escrituras, que não sabem que a “letra mata, mas que o espírito é que dá vida” (2 Co 3, 6), a esses homens que não procuram o espírito escondido na palavra, subjacente a ela, valeria a pena se disséssemos: aquele que assim vos ensinou, aprenda ele o que se segue. Possa ele saber interpretar o legislador quando, no Deuteronômio, vemo-lo falando sabiamente: “E o Senhor falou a vós do meio de uma chama, vós mesmos escutastes as palavras de sua voz, mas sua forma não vistes, somente a voz” (Dt 4, 12) e, logo em seguida: “cuidem muito bem de vossas almas, pois nenhuma forma vistes naquele dia em que o Senhor falou a vós em Horeb, no monte, através da chama. Portanto, nunca façais nada que seja contra a lei, do mesmo modo jamais erijais para vós ícones esculpidos, qualquer imagem, seja de macho ou fêmea ou de qualquer outra criatura que haja sobre a terra, ou dos pássaros que voam pelo céu”. E, um pouco adiante: “e nunca, quando olhardes para o céu, vendo o sol, a lua, as estrelas e todas as esferas do universo, caiais em erro, frente a eles adorando e os servindo” (Dt 4, 15-17).

Como vocês podem perceber, o único objetivo é não louvar a criatura em detrimento do Criador e de não agir segundo uma prosternação adoradora, que somente ao Criador é devida. Essa é também a razão pela qual sempre juntamos prosternação e adoração. Disse ainda que “Não terás para ti outros deuses junto a mim, nem farás para ti imagens, nem te prostrarás frente a elas ou lhes prestarás culto, porque eu sou o Senhor teu Deus” (Dt 5, 7-9). Um pouco mais à frente, “aos seus altares debes destruir, suas estátuas esmigalhar, seus bosques sagrados arrasar e as suas efígies de deuses arruinar por meio do fogo, pois não debes te prosternar frente a outro deus” (Ex 34, 13). Acrescentando logo em seguida, “não debes fazer para ti mesmo deuses de metal fundido” (Ex 34, 17).

Fica claro desse modo que é devido à idolatria que o uso de iconografia foi abolido, já que a Deus é mesmo impossível de se representar, porque é incomensurável, incircunscrito e invisível: “sua forma, não vistes” (Jo 5, 37). Do mesmo modo, estando Paulo no centro do Areópago, disse: “Nossa raça descende de Deus, não nos é permitido crer que Deus seja semelhante a qualquer figura de ouro, prata ou pedra, fruto da arte e da imaginação do homem” (At 17, 29).

Para os Judeus, que tinham uma propensão natural para a idolatria, foram feitas essas leis. Nós, contudo, falamos teologicamente. A nós foi dada por Deus a graça de viver com ele, longe do erro da superstição, conhecendo a verdade e ao Deus único adorando, enriquecendo-nos através da perfeição desse conhecimento divino, pois temos chegado a ser homens perfeitos, abandonamos a infância e, para nós, não há mais a necessidade de um pedagogo, mas recebemos entendimento vindo da parte de Deus e, desse modo, podemos distinguir o que é passível de ser representado

e o que não pode ser circunscrito a uma simples imagem. “Assim, a lei foi o pedagogo que nos conduziu até Cristo, a fim de que fôssemos feitos justos por meio da fé” (Ga 3, 24) e “pelas mais vulgares concepções éramos guiados quando crianças” (Ga 4, 3) e “mas uma vez chegada a fé, não mais estamos sob o jugo de um pedagogo” (Ga 3, 25).

Não representar o invisível, mas aquilo que se faz visível

“Sua forma”, diz a Escritura, “não vistes” (Jo 5, 37). Oh! Mas que sabedoria a do legislador! Como dar uma forma ao invisível? Como representar aquilo que não admite qualquer representação? Como figurar aquilo que é imponderável, sem dimensões, indefinido e amorfo? Como pintar aquilo que é incorpóreo? Como definir, por meio de um contorno, o que em si mesmo não tem forma? O que, verdadeiramente, é isso que é revelado de uma maneira mística? Evidente fica agora a razão pela qual não debes fabricar imagens do Deus invisível. Mas quando vês o incorpóreo feito homem por tua causa, então fabricas uma forma humana que se lhe pareça em alto relevo. Igualmente, quando o invisível é tornado visível na carne, então fabricas uma imagem de visível semelhança. Quando vires ao incorpóreo, indeterminado e imponderável na grandeza de sua própria natureza, com a forma de Deus, tomando a forma de um humano, tu então desenha Seu corpo, definindo-o de acordo com suas dimensões, linhas e caracteres e, então, na *pinax*³ gravas Sua imagem e a expões para que seja contem-

³ *Pinax*, em grego, designa a prancha de madeira sobre a qual é pintado, ou gravado, o ícone.

plada e conhecida. Grave-se igualmente a inefável catábase do Cristo, seu nascimento de uma virgem, seu batismo no Jordão, sua transfiguração no monte Tabor, seu despreocupado sofrimento em nossa causa, seus milagres, os símbolos de seu poder e natureza divinos, seus atos cumpridos por meio de sua operação corporal, sua cruz de salvação, sua ressurreição, sua assunção ao céu. A todas essas coisas gravemos, seja por meio da palavra, ou por meio das cores, na Bíblia e nas pranchas.

Não temam, não se assustem, bem sei que há diferentes modos de prostração. Prostrana-se Abraão frente aos filhos de Emor quando pede um pedaço duplo de rocha a fim de fazer dela uma lápide, homens ímpios e ignorantes do espírito de Deus. Prostrana-se Jacob frente a Esaú, seu irmão, e frente ao faraó, um homem egípcio, e mesmo frente à ponta de seu cajado ele se prostrana. Prosternam-se, portanto, mas não adoram. Prosternam-se Josué, os filhos de Naum e David frente ao anjo de Deus, mas não o louvam. Diferente é, desse modo, a prostração adorativa daquela outra que, inspirada na honra e valor de alguns, move-nos a nos prosternarmos frente a certas pessoas.

O que é uma imagem?

Mas, como a discussão é acerca das imagens e de sua adoração, conduzamos para esse tópico nossas considerações seguintes e esclareçamos o assunto.

Uma imagem é uma semelhança feita a partir de um modelo com o qual e para o qual difere em algumas coisas, pois certamente não identifica-se completamente com o arquétipo.

O Filho, a imagem natural do Pai

Portanto, o Filho é uma imagem viva, natural e imutável de Deus invisível, trazendo em si a totalidade do Pai e tendo, segundo todas as suas características, uma identidade com ele, a única diferença sendo de origem causal. Pois, em verdade, o Pai é a causa natural, sendo o Filho efeito dessa causa, uma vez que o Pai não se origina do Filho, mas o Filho do Pai. Desse último, portanto, é que o Filho obtém seu ser, mesmo se não estiver junto com o Pai, pois somente o Pai é capaz de gerá-lo.

Em Deus, as imagens das coisas que Ele prevê

Existem em Deus as imagens e os paradigmas de tudo que Dele um dia originar-se-á, isto sendo de acordo com sua vontade e da maneira que sua vontade eterna e duradoura quiser, porque Deus é imóvel com relação a todas as outras coisas, e nele não há qualquer tipo de mudança ou obscurecimento. Essas imagens e paradigmas o santo Dionísio chama de “prefigurações”, ele que, ajudado por Deus, no próprio Deus e em muitas outras coisas divinas era versado. Em Sua vontade, de fato, estão definidas e delineadas tudo o que foi prefigurado imutavelmente para vir a ser segundo o Seu plano, como se, querendo construir uma casa, primeiro fizéssemos um rascunho e imaginássemos seu esquema com a ajuda do pensamento.

Imagens simbólicas (ou analógicas) das realidades invisíveis

Nessa ordem de raciocínio, podemos dizer que existem imagens de coisas que são invisíveis e indefinidas, representadas corporalmente, mas de natureza obscura. Assim, as Sagradas Escrituras conferem formas a Deus e aos

anjos. A causa pela qual isso ocorre, esse homem, que o próprio Deus iluminou, ensinou-nos. Falou que é correto construirmos para nossa contemplação imagens de coisas invisíveis e formas de coisas amorfas, não somente por ser uma analogia visível para nós, uma vez que somos incapazes de fixarmo-nos a uma contemplação intelectual, mas também porque temos necessidade de ícones e de guias familiares. Mas, de acordo com isso, se o Logos divino, prevendo tais analogias e fornecendo-nos todos os meios para que, por meio delas, entreguemo-nos à contemplação, às coisas mais simples, mesmo àquelas destituídas de forma, então como não representar formas que, segundo sua própria natureza, são visíveis e que desejamos contemplar, mas que — devido a sua ausência — não podem ser vistas? Porque, por intermédio da percepção, uma imagem⁴ compacta forma-se na cavidade frontal de nossa cabeça, assim desvelando aquilo que estava oculto e, igualmente, a nossa memória enriquecendo.

De qualquer maneira também Gregório, o Teólogo,⁵ fala que nosso espírito, mesmo por meio de um esforço constante, é incapaz de livrar-se de todas as suas referências à forma, mas que “a invisibilidade das coisas divinas, desde a criação do mundo, é-nos revelada por meio de suas criaturas” (Rm 1, 20). Portanto, vejamos nos ícones o reflexo obscuro do divino a nós revelado, assim como quando falamos que a Sagrada e Suprema Trindade é representada por meio do sol, por seus raios e luz; ou, como fonte

⁴ João Damasceno emprega aqui não o termo *eikôn* (imagem, ícone), mas *phantasia* (produto da imaginação).

⁵ São Gregório de Nazianzo (c. 330-c. 390), bispo de Constantinopla, deixou grande número de cartas e discursos.

borbulhante, a água corrente que aí se origina e transborda; ou ainda por meio do Espírito, do Verbo e do Sopro Divino que estão conosco; ou, finalmente, pela roseira, sua flor e perfume.

As coisas presentes, imagens das coisas por vir

Ainda é dito que existe uma imagem futura, estando enigmaticamente projetada no tempo, como a arca, a Virgem Maria e Mãe de Deus, ou o cetro, ou o cântaro, ou a serpente que representa aquele cuja mordida foi purificada pela Cruz, a Serpente Arquetípica, origem do Mal, ou mesmo pelo mar, a água e o fluxo espiritual do batismo.

Os ícones

De acordo com isso, existe também, segundo a opinião geral, uma imagem das coisas passadas, a qual pode ser expressa como a lembrança de um milagre, da honra, da covardia, da virtude ou das coisas ruins, para com aqueles que procuram sua assistência mais tarde, assim fugindo do mal e procurando a excelência. Essa imagem do passado, no entanto, é uma imagem dupla. Pois ela origina-se, de um lado, das palavras escritas na Bíblia: pois Deus gravou a lei em tábuas e ordenou que a vida dos homens que o amam fosse descrita nos Livros Sagrados. Por outro lado, uma tal imagem nasce por meio da contemplação sensível e, assim, ordenou também que o cântaro e o cajado fossem postos na arca como símbolos memoráveis. Assim, de fato, representamos as imagens das coisas passadas e a virtude. Portanto, ou abtemo-nos do uso de imagens e, agindo assim, opomo-nos àquele que as gerou, ou aceitamo-las cada uma segundo a sua aparência e natureza.

O culto das imagens

Os diferentes modos de prosterinação

Após ter tratado dos diferentes tipos de imagens, tratemos agora da prosterinação.

A prosterinação é símbolo de honraria e submissão, e a diferença entre as duas conhecemos bem. A primeira é a da adoração, que, naturalmente, só cabe a Deus. A segunda provém por causa de Deus, para quem somente a prosterinação, com relação aos seus amigos e servidores, é inalienável já por natureza, assim Daniel e Josué, filho de Navi, prosternaram-se frente ao anjo que era representante de Deus, como David mesmo afirmou: “Adoremos esse lugar, onde tocaram teus pés” (Sl 132, 7), ou então com relação a seus locais sagrados: todo Israel prosterina-se frente ao tabernáculo e, em Jerusalém, ao redor do templo, em círculo, como de fato costumam fazer até os presentes dias. Desse mesmo tipo é a prosterinação devida aos chefes eleitos, como a de Jacob diante de Esaú, seu irmão mais velho, por desígnio de Deus, e também a prosterinação do Faraó diante daquele que havia sido eleito por Deus e dos irmãos diante de José. Conheço também aquele tipo de prosterinação que prestamos um ao outro por meio de uma afeição recíproca, como a de Abraão para com os filhos de Emor. Todo tipo de prosterinação, desse modo, deve ser suprimida, ou então aceitemo-la de acordo com sua forma e razão.

Deus contradiz-se a si mesmo?

Responde a minha pergunta: Deus é único? Sim, dir-me-ás, assim de fato me parece, Deus é o único legislador. Mas então, pergunto outra vez, por que daria ele ordens contraditórias? Não estavam os querubins presentes desde

o princípio de tudo? Então por que ordenaria o Senhor que se lavrassem querubins, feitos pela mão do homem, a fim de adornar o *Sanctus Sanctorum*? A resposta é evidente: como Deus é incircunscrito e intangível, é impossível representá-lo por qualquer imagem, tanto quanto é impossível criar qualquer coisa que com ele se pareça — isso também a fim de que não nos prosternemos frente a uma criatura, a ela louvando como a Deus. Mas, dos querubins, que são figuráveis e atendem ao trono de Deus, como, aliás, é próprio dos servidores, ele ordena que se faça uma imagem que, como uma criatura servil, adorne o *Sanctus Sanctorum*, pois de fato cabe às imagens das liturgias divinas prefigurarem a imagem dos mistérios celestes. Ademais, que são, dize-me, a arca, o cântaro e o *Sanctum*? Não são produtos do artesanato? Não são eles produto das mãos dos homens? Não são de uma matéria vil, como dizes, fabricados? O que é, em verdade, todo tabernáculo? Não é uma imagem? Não é uma sombra⁶ e um paradigma de algo superior? Assim, sem dúvida alguma e em concordância com isso, disse o divino apóstolo acerca dos antigos sacerdotes da Lei: “aqueles que louvam a Deus através de imagens e de sombras das coisas divinas”, da mesma maneira que Moisés foi advertido pelo oráculo de Deus acerca de como providenciar o acabamento do tabernáculo: “Vê que a tudo deves fazer segundo o modelo que a ti revelei no monte” (Hb 8, 5). Ora, a Lei não é uma imagem, mas a sombra de uma imagem. Em verdade, assim disse o apóstolo: “Uma sombra, portanto, dos bens ainda por vir, isso é a Lei, não a imagem mesma das coisas” (Hb 10, 1). Assim, se a Lei interditar o uso de imagens,

⁶ A sombra (*skia*) é, em São Paulo (Cl 2, 17) e nas *Epístolas aos Hebreus*, sinônimo de figura profética.

ela mesma sendo a projeção de uma imagem, o que diremos? Se o tabernáculo é, portanto, uma sombra e ícone de um ícone, como pode a Lei impedir a iconografia? Ou talvez, talvez isso não seja assim, lembremos, porém, que “há um tempo para todas as coisas” (Ec 3, 1). [...]

Retomada sistemática dos argumentos

Mas, porque nossa discussão é acerca das imagens e da prostração a elas devida, examinemos a questão de um modo extensivo e detalhado:

- *Primeiro*: o que é uma imagem.
- *Segundo*: de que se nos aproveita fabricar uma imagem.
- *Terceiro*: quantos tipos de imagens existem.
- *Quarto*: o que pode ser representado por uma imagem e o que não pode.
- *Quinto*: quem primeiro construiu imagens.

E acerca da prostração:

- *Primeiro*: o que é prosternar-se.
- *Segundo*: quantos modos de prostração existem.
- *Terceiro*: quantas são as figuras dignas de prostração que encontramos nas Escrituras.
- *Quarto*: que toda prostração, naturalmente, reporta-se a Deus.
- *Quinto*: que toda honra rendida à imagem reverte, em verdade, ao seu modelo.

*Primeiro: o que é uma imagem?*⁷

Uma imagem é, desse modo, uma semelhança, um exemplo ou uma figura, e traz em si mesma, manifesto, aquilo que representa. No entanto, a imagem não representa o modelo em todos os seus aspectos e uma diferença significativa existe entre ambos, uma vez que uma coisa é a imagem e outra é o modelo. Se digo, por exemplo, eis a imagem de um homem, mesmo havendo identidade entre suas características físicas e a imagem representada, ainda assim suas capacidades psíquicas, na imagem, não estão presentes; porque a imagem não está viva, nem pensa, não fala ou sente e sequer move os seus membros. Também o Filho, imagem natural do Pai, traz em si algo que o diferencia daquele, pois, de fato, o Filho não é o Pai.

Segundo: de que se nos aproveita fabricar imagens?

Toda imagem revela e torna manifesto aquilo que está oculto. Por exemplo, o homem não tem um conhecimento exato daquilo que é invisível — uma vez que, no corpo, a alma jaz oculta —, nem das coisas vindouras que lhe dizem respeito, nem das coisas que lhe estão próximas ou distantes no espaço — uma vez que ele é circunscrito pelo tempo e pelo espaço. A fim de que um caminho até esse conhecimento fosse possível, para que as coisas ocultas fossem manifestas e se tornassem acessíveis ao conhecimento do povo, para isso tudo é que foram concebidas as imagens e a isto elas se prestam: à assistência do espírito, ao seu be-

Esses subtítulos, que retomam os termos enumerados acima, são de autoria do próprio João Damasceno.

nefício e à sua salvação, para que descubramos o sentido das coisas ocultas nas realidades gravadas nas estelas e nos troféus, para que procuremos e almejemos às coisas belas, mas às contrárias, ou seja, ao mal, evitemos e odiemos.

Terceiro: quantos tipos de imagens existem?

Existem diferentes tipos de imagens.

Primeiro tipo de imagem: a imagem natural. O primeiro tipo de imagem é a imagem natural. Em todas as coisas deve existir, antes de tudo, aquilo que nelas foi determinado naturalmente e, depois, o que se estabelece como relação e como imitação. Assim, por exemplo, deve existir primeiro o homem segundo sua própria natureza, depois segundo sua relação e imitação. Concordantemente, a primeira imagem natural do Deus invisível e imutável é o Filho, que em si mesmo revela o Pai. “Nunca ninguém viu a Deus”, e ainda “que ao Pai não há quem tenha visto” (Jo 1, 18; 6, 46). Porque o filho é a imagem do Pai, disse o apóstolo: “que é a imagem do Deus Invisível”. E, aos Hebreus: “ele é a efusão de luz que provém da glória de Deus e é também a expressão de sua substância” (Hb 1, 3), pois, em si mesmo, o Filho revela ao Pai, segundo apreendemos das palavras de Felipe no Evangelho de João: “Mostra-nos o Pai, isso nos bastará”, ao que disse o Senhor: “Todo esse tempo tenho estado convosco e ainda não me conheceis, Felipe. Aquele que me tem visto, viu também ao Pai” (Jo 14, 8).

O Filho é a imagem natural do Pai imutável e em tudo a Ele representa, exceto pelo fato de que o Pai não foi gerado por nada nem por ninguém, e também por sua paternidade. Pois o Pai é o genitor que não foi gerado por outrem, e o Filho foi pelo Pai gerado, ele mesmo não sendo o Pai.

O Espírito Santo, por sua vez, é uma imagem do Fi-

lho, pois “ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão em Espírito Santo” (1 Co 12, 3). Por meio do Espírito Santo chegamos a conhecer o Cristo, filho de Deus, o qual, no Filho, contemplamos. Assim, a palavra foi feita mensageira da inteligência, o alento sendo o portador da palavra. O Espírito Santo, portanto, é uma imagem em tudo semelhante ao Filho imutável, a única diferença estando em que o Espírito Santo emana do Filho, o qual foi gerado, mas que não emana nem provém de nada. O Filho é, de fato, a imagem natural do Pai e é essa imagem a primeira a tomar lugar no mundo.

Segundo tipo de imagem: imagem das coisas que estão em Deus. O segundo tipo de imagem diz respeito às imagens das coisas vindouras que permanecem na concepção de Deus, que as leva a efeito através das eras segundo seu desígnio eterno. Pois Deus é imutável e sua vontade não tem um princípio e, de acordo com ela, segundo o que foi desejado por toda a eternidade, dele provém na ocasião fixada tudo o que foi predeterminado. Portanto, essas imagens e esses exemplos virão a ser através dele e, nele já existindo, são a sua concepção de cada uma delas. O santo Dionísio as chamava “prefigurações”. Essas imagens, de fato, estão já caracterizadas e figuradas em sua vontade antes mesmo de existirem. Deus as prefigurou e imutavelmente as destinou ao ser.

*Terceiro tipo de imagem: o homem como imagem de Deus.*⁸ O terceiro tipo de imagem refere-se às imagens cria-

⁸ Damasceno adiciona um outro tipo de imagem com relação a sua lista precedente.

das por Deus, isto é, o homem. Como, de fato, a criatura poderia ser da mesma natureza daquele que é incriado, senão pela imitação? Pois, assim como a Inteligência (o Pai), o Verbo (o Filho) e o Espírito Santo são um Deus Uno, assim a inteligência, a palavra e o alento perfazem um só homem, na posseção de seu livre arbítrio e comando. Pois Deus disse: "Façamos o homem segundo nossa imagem e de acordo com nossa semelhança" e, a seguir, acrescentou: "e que tenham em sujeição os peixes do mar e os pássaros do céu", e logo em seguida "tenhais em sujeição os peixes do mar e os pássaros do céu e toda a terra e a subjuguéis" (Gn 1, 26; 28).

Quarto tipo de imagem: os símbolos. O quarto tipo de imagem são as formas, figuras e marcas das Escrituras, todas formadas a partir das coisas invisíveis e incorpóreas, tornadas corpóreas através das Escrituras para que possamos, ainda que de um modo obscuro, compreender a Deus e aos Anjos, já que não podemos contemplar as coisas incorpóreas sem a ajuda de formas análogas à nossa própria. Assim disse Dionísio Areopagita, que era versado em muitas coisas divinas. Porque essas imagens foram feitas de imagens de coisas invisíveis e de formas carentes de forma, segundo Seus desígnios, mas não somente por causa da analogia com nossa condição, uma vez que ela é incapaz de se alçar à contemplação inteligível sem a ajuda de guias familiares e naturais. E se, de acordo com isso, o Verbo Divino, prevenido a analogia com nossa condição, oferece-nos diversos caminhos que a Ele conduzem, e às coisas simples e amorfas reveste de forma, como não representar, por meio de imagens, essas figuras que, devido à sua própria natureza, são desprovidas de forma e que desejamos ver, mas que, por estarem ausentes, não podemos? Imbuído da verdade, fa-

lou Gregório, o Teólogo, que mesmo através de laboriosos esforços, é impossível para o nosso espírito livrar-se de toda influência das formas:⁹ "a invisibilidade das coisas divinas, desde a criação do mundo, é-nos revelada por meio de suas criaturas" (Rm 1, 20). Portanto, vejamos nos ícones o reflexo obscuro do divino a nós revelado, assim como quando falamos que a Sagrada Trindade é representada por meio do sol, por seus raios e luz; ou, como fonte borbulhante, a água corrente que aí se origina e transborda; ou ainda por meio do Espírito, do Verbo e do Sopro Divino que estão conosco; ou, finalmente, pela roseira, sua flor e perfume.

Quinto tipo de imagem: a prefiguração das coisas futuras. O quinto tipo de imagem é a imagem que prefigura e preconiza as coisas vindouras; como, por exemplo, o espinheiro (Ex 3, 2), a água que escorre do velo (Jz 6, 38), a Virgem, a urna, o cajado, o cântaro e a serpente, símbolo daqueles que por meio da Cruz foram purificados da mordida da serpente, Mal arquetípico, ou o mar, a água e o fluxo do espírito batismal.

Sexto tipo de imagem: a imagem memorial. O sexto tipo de imagem é aquele em que a imagem é feita para lembrar as coisas passadas: um milagre ou uma expressão de virtude; para glorificar e honrar os homens valorosos, inscrevendo seus nomes em uma estela; para exaltá-los em sua virtude, para evitar o mal e exibir aos homens vis, expondo-os em sua vergonha e aqueles que muito tarde descobriram a virtude. Assim podemos, por meio dessas imagens, fugir das coisas más e ir ao encontro do Bem e das coisas valoro-

⁹ São Gregório de Nazianzo, *Discurso* 28.

sas. Essa imagem do passado, no entanto, é uma imagem dupla, pois ela origina-se, de um lado, das palavras escritas na Bíblia: pois Deus gravou a lei em tábuas e ordenou que a vida dos homens que o amam fosse descrita nos Livros Sagrados. Por outro lado, uma tal imagem nasce por meio da contemplação sensível, assim ordenou também que o cântaro e o cajado fossem postos na arca como símbolos memoráveis na eternidade, e que os nomes das tribos fossem gravados nas pedras da éfode, retiradas do Jordão, como efígie dos sacerdotes que — grande mistério para os que presenciam a verdade — carregavam a arca. Assim, até os dias de hoje, as imagens dos homens virtuosos são por nós reproduzidas afim de admirá-los e lembrá-los, despertando em nós o desejo de imitá-los.

Portanto, ou abstenho-nos do uso de imagens e, agindo assim, opomo-nos àquele que as gerou; ou aceitamo-las cada uma segundo a sua aparência e natureza.

*Quarta parte: o que é que se deve
e o que é que não se deve representar,
e como cada coisa é representada?*

De fato os corpos, por possuírem formas, contornos corporais e cores, podem ser representados com bastante exatidão. Os anjos, a alma e os demônios, ainda que não tenham forma e sejam intangíveis, podem ser representados segundo suas próprias naturezas que a nós aparecem visíveis e com contornos definidos — pois todos eles são, de fato, seres dotados de intelecto (*nous*) e, no intelecto, estão presentes, agindo aí intelectualmente — podem, assim, serem perfeitamente representados, do mesmo modo que Moisés lavrou os querubins, os quais, aos olhos dos homens dignos, daquele modo fazem-se visíveis, sendo que observando a sua forma corpórea, somos levados a uma con-

templação incorpórea e intelectual. A natureza divina não pode, sem dúvida, ser circunscrita. Ela é única e completamente sem forma ou figura, sendo ainda imutável, mesmo se as Escrituras Sagradas parecem circunscrever a Deus em uma forma corporal, a fim de que uma forma seja visível, mesmo essas formas são verdadeiramente incorpóreas. Não foi por meio de olhos corporais que os Profetas contemplaram essas imagens, mas através do espírito e foi por meio do espírito que elas a eles se revelaram.

Falando de um modo mais simples: é possível fazer imagens de todas as figuras que vemos, e nós as compreendemos na medida em que as vemos. Pois, se a partir das palavras podemos imaginar as figuras, podemos mesmo chegar a compreendê-las a partir do que vemos. Do mesmo modo, a partir de cada coisa que sentimos, a partir de um odor, de um gosto, ou de algo por nós tocado, podemos, usando as palavras, chegar ao seu entendimento.

Em verdade, sabemos que nem a Deus, nem a um anjo, nem à alma, nem a um demônio é possível discernir sua natureza física. Mas, em suas formas transformadas, digamos assim, é possível intuí-las, pois a providência divina reveste suas incorporealidades e invisibilidades de um envoltório corporal e visível e nos conduz, por meio da mão de suas criaturas, ao seu multipartite e único conhecimento, para que não restemos na completa ignorância de Deus e de suas criaturas incorpóreas.

Pois a natureza de Deus é absolutamente incorpórea. Um anjo, uma alma, um demônio, quando comparados a Deus (único incomparável), são corpóreos. Não querendo Deus que na ignorância completa dos seres incorporais residíssemos, ele as circunscreveu de formas, de figuras e contornos, segundo uma analogia com nossa própria natureza, visíveis através dos olhos do espírito e nós, concordando

tes, os representamos e iconizamos, assim como foram os querubins iconizados e representados. Mas a Escritura traz em si mesma figuras e imagens de Deus.

Fonte: João Damasceno, *Discurso apologético contra aqueles que rejeitam as imagens sagradas*, edição do texto grego in *Iohannes Damascus, Oratio apologetica adversus eos qui sacras imagines abiiciunt*, editado por Michaelis Lequien, Milão, J.-P. Migne Editores, 1864, I, 4-15; III, 14-25.